



# Destinos desdobrados

---

Tere Tavares

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2021*

## O teu destino é ler este livro

Não é de hoje que a poeta e artista plástica Tere Tavares vem nos brindando com excelentes trabalhos em que sua poesia e a sua prosa misturam-se com insights filosóficos, existenciais e empíricos.

Neste *Destinos desdobrados* não é diferente, pois há nele tudo isso e algo mais. Uma mística que não é propriamente religiosa, mas investigadora da vida e de suas dobras, do canto dos passarinhos e dos seus silêncios. E tudo isso é carpintaria de palavras, pois...

O que nos torna verdadeiramente humanos é a palavra, ainda que não seja pronunciada. A palavra tem invocações que ultrapassam o seu conteúdo. Todo o silêncio tem um motivo. Reincidir é dar-se uma nova oportunidade, ir-se no onde (TAVARES, Tere).

Por meio de um abecedário falho, mas em ordem alfabética, a prosadora encantada das palavras vai construindo camadas e camadas de textos como quem maneja um pincel com maestria sob uma tela imaginária. Você sente, fecha os olhos, medita e lê novamente.

Começando na letra “a” (“A feminina arte de nascer”) e terminando na letra “t” (“Translúcida”), você encontrará uma coleção de contos, casos mágicos e quase surreais, ao mesmo tempo, tricotado em percepções muito concretas sobre existir que nos remetem aos sabores, ao olfato das flores, ao tato das coisas, à escuta dos acontecimentos e aos olhos de ver para além da cegueira deste mundo.

Tere Tavares sabe que “a alma é a ilustração da mente, do intelecto e da genialidade” e que “a arte deve enxergar na ocultação, no que resta de misterioso”, como em “Aborim”. Por isso seus contos, fragmentos da alma e do mundo como vontade dos deuses e criação dos seres humanos, traduzem pequeninas brechas de acesso ao mistério, sem a pretensão cartesiana de explicá-lo.

“Hoje, apesar das nuvens escuras, pintarei o Sol”, diz a artista. E eu também quero essa luminosidade, essa capacidade sensível de se sobrepôr às trevas do mundo para pintar muitos sóis. E nós encontramos nestes textos, aqui reunidos, um pouco de ar puro e de beleza para que o peso de existir não nos esmague, para que a nossa solidão seja arte, já que é inevitável.

A solidão nasce quando nascemos. E, com ela, temos que conviver toda uma vida [há que rodeá-la com adornos próprios]. Quer estejamos acompanhados ou não, por alguém, algo, qualquer coisa, é necessário estar só: porque somos irredutivelmente sóis (TAVARES, Tere).

Então, sozinhos, vamos ler e reler esta obra “como se um floco de frescor pousasse sobre as úmidas concavidades das avencas”. E isso me fez bem demais e eu sei que também te fará muito bem “porque em tempos tão cáusticos, a leitura precisa ser bela”.

MARCIO SALES SARAIVA

Rio de Janeiro, 15 de abril de 2021.



## A feminina arte de nascer

Nunca escapamos de sermos nós mesmas ainda que estranhemos.

Um pássaro à procura de alimento saúda a borboleta quase inerte. Sua exuberância enfeita o chão contornado com suas asas bíblicas. Há uma fertilização não arbitrária nos pedúnculos dessa campina ocre. Outros casulos herdam a efervescência das águas submersas. Touças imitam a linha do horizonte. Repousam nas probabilidades de um futuro esmaecido, perfilado nas linhas tortuosas do infinito que especula as funduras – proclamando a Terra, sendo ar e sendo fogo, culminando em verdores de páginas e arabescos inexprimíveis. Oh! Formas de raízes fosforescentes, quanto amor vos suprime a vontade. Que desmorrer vos tolhe as autorias da vida? Quanta energia se captura dessas profusões invertidas, dessa origem inexplicável? Quais mistérios inundam esses tremores veneráveis? A firmeza dos elementos espera e projeta células com toda sua química eletrizante. E, dessas memórias rutilantes, capta-se o movimento incompleto, persuasivo, compondo-se e recompondo-se a cada viés do invisível, do imponderável.

Do assombroso florescimento à finitude, quanto há de luz? Todos os momentos são existências plenas quando coexistem os mundos.

Começo a desorientar a realidade. A ficção nada mais é do que um naufrágio salvador, um outro aspecto do real que possui suas próprias vertentes. Escrevo, seja qual for a estação, porque sou uma eterna enamorada por palavras. Algo de mágico exala-se da paciência que não sei ter. Não se trata de pressa, mas de uma espécie de urgência na mente, a travessia do espanto que me exila da assoberbada lonjura do tempo, da injúria que tenta subtrair o Sol do meu rosto e, inglória, abata-se antes de atingir-me. Enfrento o terror da estrada coberta de perigos, o pasmo ante o silêncio sombrio da morte, o desmoronamento; é tão profundo mergulhar na alma que me reformula como se argila novíssima.

O ritmo vivo do meu ser rente às flores, testemunha-me o sorriso. Dá a ti mesma esse presente e destrói os ídolos, diz-me a voz desde a primeira fêmea nascida. Irmanate a todas as mulheres que foram testemunhadas pelo assombro. Não coadune com a exortação prenunciadora da perda da sanidade e da aceitação da mentira dos milênios que te concernem culpas e incúrias. Os filhos que nos nascem ardem em cada gota do nosso sangue, em cada espasmo dos nossos ossos; sobra-nos, à brancura dos lençóis e trapos, estender e completar o berço; contemplá-lo e defendê-lo até o nosso último suspiro.



*t.teretavares@gmail.com*  
*m-eusoutros.blogspot.com*  
*facebook.com/tere.tavares.1/*

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
bold 90 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2021.

---